

# O DIÁRIO DE UM MAGO

PAULO COELHO



SEXTANTE

*Quando começamos a peregrinação, achei que havia realizado um dos maiores sonhos da minha juventude. Você era para mim o bruxo D. Juan e eu revivia a saga de Castañeda em busca do extraordinário.*

*Mas você resistiu bravamente a todas as minhas tentativas de transformá-lo em herói. Isso tornou muito difícil nosso relacionamento, até que entendi que o Extraordinário reside no Caminho das Pessoas Comuns. Hoje em dia, esta compreensão é o que possuo de mais precioso na vida, o que me permite fazer qualquer coisa; e irá me acompanhar para sempre.*

*Por esta compreensão – que agora procuro dividir com outros –, este livro é dedicado a você, Petrus.*

O AUTOR

Ó Maria, concebida sem pecado,  
rogai por nós, que recorremos a Vós. Amém.

*Então lhe disseram: Senhor, eis aqui duas espadas.*  
*E Ele respondeu: Basta.*

Lucas 22:38

## *A chegada*

O fiscal da aduana olhou longamente a espada que minha mulher trazia, perguntando o que pretendíamos fazer com aquilo. Eu disse que um amigo nosso ia avaliá-la para colocarmos em leilão. A mentira deu resultado; o homem nos deu uma declaração de que havíamos entrado com a espada pelo aeroporto de Bajadas e avisou que, se houvesse problemas em retirá-la do país, bastava mostrar aquele papel na alfândega.

Fomos até o balcão da locadora e confirmamos a reserva de dois automóveis. Pegamos os tíquetes e fomos comer alguma coisa no restaurante do aeroporto, antes de nos despedirmos.

Eu tinha passado uma noite insone no avião – mistura de medo de voar com medo do que iria acontecer dali para a frente –, mas mesmo assim estava excitado e desperto.

– Não se preocupe – disse ela pela milésima vez. – Você deve ir até a França e, em Saint-Jean-Pied-de-Port, procurar por Mme. Lourdes. Ela vai colocá-lo em contato com alguém que irá guiá-lo pelo Caminho de Santiago.

– E você? – perguntei também pela milésima vez, já sabendo a resposta.

– Vou até onde tenho que ir, deixar o que me foi confiado. Depois fico em Madri alguns dias e volto para o Brasil. Sou capaz de dirigir nossas coisas tão bem quanto você.

– Isso eu sei – respondi, querendo evitar o assunto. Minha preocupação com negócios que havia deixado no Brasil era enorme. Aprendi o necessário sobre o Caminho de Santiago nos

quinze dias que se seguiram ao incidente nas Agulhas Negras, mas tinha demorado quase sete meses para decidir largar tudo e fazer a viagem. Até que, certa manhã, minha mulher me dissera que a hora e a data se aproximavam e que, se eu não tomasse uma decisão, devia esquecer para sempre o caminho da Magia e a Ordem de RAM. Tentei mostrar a ela que o Mestre me dera uma tarefa impossível, já que eu não podia simplesmente sacudir dos ombros a responsabilidade do trabalho diário que eu tinha. Ela riu e disse que eu estava dando uma desculpa tola, pois naqueles sete meses eu pouco tinha feito além de ficar noite e dia me perguntando se devia ou não viajar. E, no gesto mais natural do mundo, me estendeu as duas passagens já com a data do voo marcada.

– É porque você decidiu que estamos aqui – disse eu na lanchonete do aeroporto. – Não sei se isto está certo; deixar a cabo de outra pessoa a decisão de buscar minha espada.

Minha mulher disse que, se fôssemos voltar a falar bobagens, era melhor pegar os carros e nos despedirmos logo.

– Você jamais deixaria que qualquer decisão na sua vida partisse de outra pessoa. Vamos logo, pois já está ficando tarde.

Ela levantou-se, pegou sua bagagem e se dirigiu para o estabelecimento. Eu não me mexi. Fiquei sentado, olhando a maneira displicente como carregava minha espada, toda hora ameaçando escorregar debaixo do braço.

No meio do caminho ela parou, voltou até a mesa onde eu estava, me deu um sonoro beijo na boca e me olhou sem dizer nada durante muito tempo. De repente percebi que estava na Espanha, que já não podia voltar atrás. Mesmo com a horrível certeza de que tinha muitas chances de fracassar, eu já dera o primeiro passo. Então a abracei com muito amor, com todo o amor que sentia naquele momento, e enquanto ela estava nos meus braços

rezei para tudo e para todos em que acreditava, implorei que me dessem forças de voltar com ela e com a espada.

– Bonita espada, você viu? – comentou uma voz feminina na mesa ao lado depois que minha mulher partiu.

– Não se preocupe – respondeu uma voz de homem. – Eu compro uma exatamente igual para você. As lojas de turismo aqui na Espanha têm milhares delas.

Depois de uma hora dirigindo, o cansaço acumulado da noite anterior começou a surgir. Além disso, o calor de agosto era tão forte que, mesmo numa estrada desimpedida, o carro começava a apresentar problemas de superaquecimento. Resolvi parar um pouco numa cidadezinha que os cartazes na estrada anunciavam como Monumento Nacional. Enquanto subia a íngreme ladeira que me conduziria até ela, comecei a recordar mais uma vez tudo o que havia aprendido sobre o Caminho de Santiago.

Assim como a tradição muçulmana exige que todo fiel faça, pelo menos uma vez na vida, o caminho que Maomé percorreu de Meca a Medina, o primeiro milênio do cristianismo conheceu três rotas consideradas sagradas e que resultavam numa série de bênçãos e indulgências para quem cumprisse qualquer uma delas. A primeira rota levava ao túmulo de São Pedro, em Roma. Seus caminhantes tinham por símbolo uma cruz e eram chamados de *romeiros*. A segunda levava ao Santo Sepulcro de Cristo, em Jerusalém, e os que faziam esse caminho eram chamados de *palmeiros*, porque tinham como símbolo as palmas com que Cristo foi saudado ao entrar na cidade. Finalmente existia um terceiro caminho – um caminho que levava até os restos mortais do apóstolo São Tiago, enterrados num local da península Ibérica onde certa noite um pastor havia visto uma estrela brilhante sobre um campo. Conta a lenda que não apenas São Tiago, mas a própria Virgem Maria, estiveram por ali logo após a morte de Cristo, le-

vando a palavra do Evangelho e exortando os povos a se converterem. O local ficou conhecido como Compostela – o campo da estrela – e logo surgiu uma cidade que iria atrair viajantes de todo o mundo cristão. A esses viajantes que percorriam a terceira rota sagrada foi dado o nome de *peregrinos* e passaram a ter como símbolo uma concha.

Em sua época áurea, no século XIV, a “Via Láctea” (assim chamada porque à noite os peregrinos se orientavam por essa galáxia) chegou a ser percorrida a cada ano por mais de um milhão de pessoas, vindas de todos os cantos da Europa. Até hoje, místicos, religiosos e pesquisadores ainda fazem a pé os setecentos quilômetros que separam a cidade francesa de Saint-Jean-Pied-de-Port da Catedral de Santiago de Compostela, na Espanha.\* Graças ao sacerdote francês Aymeric Picaud, que peregrinou até Compostela em 1123, a rota seguida hoje pelos peregrinos é exatamente igual ao caminho medieval que foi percorrido por Carlos Magno, São Francisco de Assis, Isabel de Castela e, mais recentemente, pelo papa João XXIII – entre muitos outros.

Picaud escreveu cinco livros sobre sua experiência, apresentados como obra do papa Calixto II, devoto de São Tiago, que ficou conhecida mais tarde como Codex Calixtinus. No Livro V do Codex Calixtinus, *Liber Sancti Jacobi*, Picaud enumera as marcas naturais – fontes, hospitais, abrigos e cidades – que se estendiam ao longo do caminho. Baseada nas anotações de Picaud, uma sociedade – Les Amis de Saint-Jacques (São Tiago é *Saint-Jacques* em francês, *James* em inglês, *Giacomo* em italiano, *Jacob* em latim) – encarrega-se de manter até hoje essas marcas naturais e orientar os peregrinos.

---

\* O Caminho de Santiago em território francês era composto de várias rotas, que se uniam numa cidade espanhola chamada Puente La Reina. A cidade de Saint-Jean-Pied-de-Port está localizada numa dessas rotas, que não é a única nem a mais importante.



Por volta do século XII, a nação espanhola começou a aproveitar a mística de São Tiago em sua luta contra os mouros que haviam invadido a península. Várias ordens militares foram criadas ao longo do Caminho e as cinzas do apóstolo se tornaram um poderoso amuleto espiritual para combater os muçulmanos, que diziam ter consigo um braço de Maomé. Finda a Reconquista, porém, as ordens militares estavam tão fortes que começaram a ameaçar o Estado, obrigando os Reis Católicos a intervirem diretamente para evitar que essas ordens se insurgissem contra a nobreza. Por causa disso, o Caminho foi pouco a pouco caindo no esquecimento e, se não fosse por manifestações artísticas esporádicas – como “A Via Lactea” de Suñuel, ou “Caminante” de Joan Manuel Serrat –, ninguém hoje em dia seria capaz de lembrar que por ali passaram milhares de pessoas que mais tarde iriam povoar o Novo Mundo.

A cidadezinha aonde cheguei de carro estava absolutamente deserta. Depois de muito procurar, achei uma pequena cantina adaptada em uma velha casa de estilo medieval. O dono – que não tirava os olhos de um seriado na televisão – me avisou que aquela era a hora da sesta e que eu era um louco de andar pela estrada com tanto calor.

Pedi um refrigerante, tentei ver um pouco de televisão, mas não conseguia me concentrar em nada. Pensava apenas que dentro de dois dias eu ia reviver em pleno século XX um pouco da grande aventura humana que trouxe Ulisses de Troia, andou com Quixote pela Mancha, levou Dante e Orfeu aos infernos e Cristóvão Colombo às Américas: a aventura de viajar em direção ao Desconhecido.

Quando tornei a pegar o carro já estava um pouco mais calmo. Mesmo que não descobrisse minha espada, a peregrinação pelo Caminho de Santiago ia terminar fazendo com que eu descobrisse a mim mesmo.

## *Saint-Jean-Pied-de-Port*

Um desfile com personagens mascarados e uma banda de música – todos vestidos de vermelho, verde e branco, as cores do País Basco francês – ocupava a principal rua de Saint-Jean-Pied-de-Port. Era domingo, eu tinha passado dois dias dirigindo e não podia perder mais um minuto sequer assistindo àquela festa. Abri caminho entre as pessoas, ouvi alguns insultos em francês, mas terminei dentro das fortificações que constituíam a parte mais velha da cidade, onde deveria estar Mme. Lourdes. Mesmo naquela parte dos Pireneus fazia calor durante o dia, e saí do carro ensopado de suor.

Bati na porta. Bati outra vez e nada. Uma terceira vez e ninguém respondeu. Sentei-me no meio-fio, preocupado. Minha mulher dissera que eu deveria estar ali exatamente naquele dia, mas ninguém respondia aos meus chamados. Podia ser que Mme. Lourdes tivesse saído para ver o desfile, pensei, ou que eu houvesse chegado tarde demais e ela decidira não me receber. O Caminho de Santiago acabava antes mesmo de haver começado.

De repente, a porta se abriu e uma criança pulou para a rua. Levantei-me também de um salto e, num francês meio capenga, perguntei por Mme. Lourdes. A menina deu um riso e apontou para dentro. Só então percebi meu erro: a porta dava para um imenso pátio, em torno do qual se estendiam velhas casas medievais com balcões. A porta estivera aberta para mim e eu não tinha ousado sequer pegar na maçaneta.

Entrei correndo e me dirigi à casa que a menina me havia indicado. Lá dentro, uma mulher idosa e gorda vociferava alguma coisa em basco contra um rapaz miúdo, de olhos castanhos e tristes. Aguardei algum tempo até que a briga terminasse – e efetivamente terminou com o pobre rapaz sendo enxotado em direção à cozinha debaixo de uma onda de insultos da velha. Só então ela se virou para mim e, sem sequer perguntar o que eu queria, me conduziu – entre gestos delicados e empurrões – ao segundo andar da pequena casa. Lá em cima, havia apenas um escritório apertado, cheio de livros, objetos, estátuas de São Tiago e recordações do Caminho. Ela retirou um livro da estante e sentou-se por detrás da única mesa do ambiente, deixando-me de pé.

– Você deve ser mais um peregrino para Santiago – disse sem rodeios. – Preciso anotar seu nome no caderno dos que fazem o Caminho.

Dei meu nome e ela quis saber se eu havia trazido as vieiras. “Vieiras” era o termo que designava as grandes conchas levadas como símbolo da peregrinação até o túmulo do apóstolo e que serviam para que os peregrinos se identificassem entre si.\* Antes de viajar para a Espanha eu tinha ido até um lugar de peregrinação no Brasil, Aparecida do Norte. Lá havia comprado uma imagem de Nossa Senhora Aparecida sobre três vieiras. Tirei-a da mochila e estendi para Mme. Lourdes.

– Bonito mas pouco prático – disse ela, me devolvendo a imagem com as vieiras. – Pode quebrar durante o caminho.

– Não irá quebrar. E vou deixá-las sobre o túmulo do apóstolo.

Mme. Lourdes parecia não ter muito tempo para me atender. Deu-me um pequeno carnê que iria me facilitar a hospedagem

---

\* A única marca que o Caminho de Santiago deixou na cultura francesa foi justamente no orgulho nacional, a gastronomia: *coquilles Saint-Jacques*.

nos mosteiros do Caminho, colocou um carimbo de Saint-Jean-Pied-de-Port para indicar onde eu havia iniciado a caminhada e me disse que podia partir na bênção de Deus.

– Mas onde está o meu guia? – perguntei.

– Que guia? – respondeu ela, um pouco surpresa, mas também com um brilho distinto nos olhos.

Percebi que tinha me esquecido de algo muito importante. No afã de ser logo atendido, eu não tinha pronunciado a Palavra Antiga – uma espécie de senha que identifica aqueles que pertencem ou pertenceram às ordens da Tradição. Imediatamente corriji meu erro e disse-lhe a Palavra. Mme. Lourdes, num gesto rápido, arrancou de minhas mãos o carnê que me havia entregado minutos antes.

– Você não vai precisar disto – disse, enquanto retirava uma pilha de jornais velhos de cima de uma caixa de papelão. – O seu caminho e o seu descanso dependem das decisões do seu guia.

Mme. Lourdes retirou da caixa um chapéu e um manto. Pareciam peças de roupa muito antigas, mas estavam bem conservadas. Pediu-me que ficasse em pé no centro da sala e começou a rezar em silêncio. Depois colocou-me o manto nas costas e o chapéu na cabeça. Pude notar que tanto no chapéu como em cada ombro do manto havia vieiras costuradas. Sem parar de rezar, a velha senhora pegou um cajado num dos cantos do escritório e me fez segurá-lo com a mão direita. No cajado prendeu uma pequena cabaça de água. Ali estava eu: por baixo, bermuda jeans e camiseta I LOVE NY e, por cima, o traje medieval dos peregrinos a Compostela.

A velha se aproximou até ficar a dois palmos de distância na minha frente. Então, numa espécie de transe, colocando as mãos espalmadas sobre minha cabeça, disse:

– Que o apóstolo São Tiago te acompanhe e te mostre a única coisa que precisas descobrir; que não andes nem devagar nem

depressa demais, mas sempre de acordo com as Leis e as Necessidades do Caminho; que obedeças àquele que vai te guiar, mesmo quando te der uma ordem homicida, blasfema, ou insensata. Tu tens que jurar obediência total ao teu guia.

Eu jurei.

– O Espírito dos velhos peregrinos da Tradição há de acompanhá-lo na jornada. O chapéu o protege contra o sol e os maus pensamentos; o manto o protege contra a chuva e as más palavras; o cajado o protege contra os inimigos e as más obras. A bênção de Deus, de São Tiago e da Virgem Maria o acompanhe todas as noites e todos os dias. Amém.

Dito isto, voltou à sua maneira habitual: com um pouco de pressa e certo mau humor recolheu as roupas, guardou-as de novo na caixa, recolocou o cajado com a cabaça no canto da sala e, depois de me ensinar as palavras de senha, pediu-me que fosse embora logo, pois meu guia estava me esperando a uns dois quilômetros de Saint-Jean-Pied-de-Port.

– Ele detesta banda de música – disse ela. – Mas, mesmo a dois quilômetros de distância, deve estar escutando: os Pireneus são uma excelente caixa de ressonância.

E, sem maiores comentários, desceu as escadas e foi para a cozinha, atormentar um pouquinho mais o rapaz de olhos tristes. Na saída perguntei o que deveria fazer com o carro e ela disse que lhe deixasse as chaves, pois alguém viria buscá-lo. Fui até o carro, peguei na mala a pequena mochila azul com um saco de dormir amarrado, guardei no seu canto mais protegido a imagem de Nossa Senhora Aparecida com as conchas, coloquei-a nas costas e fui dar as chaves para Mme. Lourdes.

– Saia da cidade seguindo esta rua até aquela porta lá no final das muralhas – ela me falou. – E, quando chegar a Santiago de Compostela, reze uma ave-maria por mim. Eu já percorri tantas vezes este caminho e agora me contento em ler nos olhos dos

peregrinos a excitação que ainda tenho, mas que não posso mais pôr em prática por causa da idade. Conte isso a São Tiago. E conte também que a qualquer hora estarei me encontrando com ele, por outro caminho – mais direto e menos cansativo.

Saí da cidadezinha atravessando as muralhas pela Porte D'Espagne. No passado, esta tinha sido a rota preferida dos invasores romanos, e por aqui também passaram os exércitos de Carlos Magno e Napoleão. Segui em silêncio, ouvindo ao longe a banda de música. Subitamente, nas ruínas de um povoado perto de Saint-Jean, fui tomado de imensa emoção e meus olhos se encheram de água: ali, naquelas ruínas, pela primeira vez me dei conta de que meus pés estavam pisando o Estranho Caminho de Santiago.

Em volta do vale, os Pireneus, coloridos pela música da bandinha e pelo sol daquela manhã, me davam a sensação de algo primitivo, alguma coisa que já tinha sido esquecida pelo gênero humano mas que de maneira nenhuma eu conseguia saber o que era. Entretanto, era uma sensação estranha e forte, e resolvi apressar o passo e chegar o mais breve possível ao local onde Mme. Lourdes dissera que o guia me esperava. Sem parar de caminhar, tirei a camiseta e guardei-a na mochila. As alças começaram a machucar um pouco os ombros nus, mas em compensação o velho tênis estava tão macio que não me causava nenhum incômodo. Depois de quase quarenta minutos, numa curva que contornava uma gigantesca pedra, cheguei ao velho poço abandonado. Ali, sentado no chão, um homem com seus cinquenta anos – de cabelos pretos e aspecto cigano – remexia em sua mochila em busca de algo.

– Olá – disse eu, em espanhol, com a mesma timidez que tinha toda vez que era apresentado a alguém. – Você deve estar me esperando. Meu nome é Paulo.

O homem parou de mexer na mochila e me olhou de cima a baixo. Seu olhar era frio e ele não pareceu surpreso com minha chegada. Eu também tive a vaga sensação de que o conhecia.

– Sim, eu estava te esperando, mas não sabia que ia encontrá-lo tão cedo. O que você quer?

Fiquei um pouco desconcertado com a pergunta e respondi que era eu quem ele iria guiar pela Via Láctea em busca da espada.

– Não é preciso – disse o homem. – Se quiser, posso encontrá-la para você. Mas decida isto agora.

Cada vez achava mais estranha aquela conversa com o desconhecido. Entretanto, como tinha jurado obediência completa, preparei-me para responder. Se ele podia encontrar a espada para mim, ia me poupar um tempo enorme, e eu poderia voltar logo às pessoas e aos negócios no Brasil, que não me saíam da cabeça. Poderia também ser um truque, mas não haveria mal algum em dar uma resposta.

Resolvi dizer que sim. E de repente, por detrás de mim, ouvi uma voz em espanhol, num sotaque carregadíssimo:

– A gente não precisa subir uma montanha para saber se ela é alta.

Era a senha! Olhei para trás e vi um homem de seus quarenta anos, bermuda cáqui, camiseta branca suada, olhando fixamente para o cigano. Tinha os cabelos grisalhos e a pele queimada pelo sol. Na pressa, eu tinha me esquecido das regras mais elementares de proteção e havia me atirado de corpo e alma nos braços do primeiro desconhecido que encontrara.

– O barco está mais seguro quando está no porto, mas não foi para isto que foram construídos os barcos – eu disse a contrasenha. O homem, entretanto, não desviou os olhos do cigano, nem o cigano desviou os olhos dele. Ambos se encararam, sem medo e sem valentia, por alguns minutos. Até que o cigano dei-

xou a mochila no chão, deu um sorriso de desdém e seguiu em direção a Saint-Jean-Pied-de-Port.

– Meu nome é Petrus\* – disse o recém-chegado, assim que o cigano sumiu atrás da imensa pedra que eu havia contornado minutos antes. – Da próxima vez seja mais cauteloso.

Notei um tom simpático na sua voz, diferente do tom do cigano e da própria Mme. Lourdes. Ele pegou a mochila no chão e reparei que nela havia uma vieira desenhada na parte de trás. Tirou de dentro uma garrafa de vinho, tomou um gole e me estendeu. Enquanto eu bebia, perguntei quem era o cigano.

– Esta rota é uma rota de fronteira, muito utilizada por contrabandistas e por terroristas refugiados do País Basco espanhol – disse Petrus. – A polícia quase não vem aqui.

– Você não está me respondendo. Vocês dois se olharam como velhos conhecidos. E tenho a impressão de que o conheço também, por isso fui tão afoito.

Petrus deu um riso e pediu que começássemos logo a andar. Peguei minhas coisas e tratamos de caminhar em silêncio. Mas, pelo riso de Petrus, eu sabia que ele estava pensando a mesma coisa que eu.

Nós tínhamos encontrado um demônio.

Caminhamos em silêncio durante certo tempo, e Mme. Lourdes tinha toda a razão: mesmo a quase três quilômetros de distância ainda dava para ouvir o som da bandinha que tocava sem parar. Eu queria fazer muitas perguntas a Petrus – sobre sua vida, seu trabalho e o que o havia trazido a este local. Sabia, porém, que tínhamos ainda setecentos quilômetros para percorrer juntos e que chegaria o momento certo de ter todas essas perguntas

---

\* Na verdade, Petrus me deu seu verdadeiro nome. Para proteger sua privacidade, o seu nome está trocado. Aliás, é um dos raros casos de nomes trocados neste livro.



respondidas. Mas o cigano não me saía da cabeça e terminei quebrando o silêncio.

– Petrus, acho que o cigano era um demônio.

– Sim, ele era um demônio – e, quando confirmou isto, senti um misto de terror e alívio. – Mas não é o demônio que você conheceu na Tradição.

Na Tradição, um demônio é um espírito que não é bom nem mau, mas considerado guardião da maior parte dos segredos acessíveis ao homem, e com força e poder sobre as coisas materiais. Por ser o anjo caído, identifica-se com a raça humana e está sempre disposto a pactos e trocas de favores. Perguntei qual era a diferença entre o cigano e os demônios da Tradição.

– Nós vamos encontrar outros no caminho – riu ele. – Você irá perceber por si só. Mas, para ter uma ideia, procure se lembrar de toda a sua conversa com o cigano.

Repassei as duas únicas frases que havia trocado com ele. O demônio tinha dito que estava me esperando e se propusera a buscar a espada para mim.

Petrus então disse que eram duas frases que caberiam perfeitamente bem na boca de um ladrão que é surpreendido em pleno roubo: tentar ganhar tempo e conseguir favores, enquanto rapidamente traça uma rota de fuga. Por outro lado, as duas frases podiam ter um sentido mais profundo, ou seja – que as palavras estivessem dizendo exatamente o que pretendia dizer.

– Qual das duas está certa?

– Ambas estão certas. Aquele pobre ladrão, enquanto se defendia, captou no ar as palavras que precisavam ser ditas a você. Achou que estava sendo inteligente e estava sendo instrumento de uma força maior. Se ele tivesse corrido quando cheguei, esta conversa seria desnecessária. Mas ele me encarou, e eu li em seus olhos o nome de um demônio que você irá encontrar no caminho.

Para Petrus, o encontro tinha sido um presságio favorável, já que o demônio havia se revelado cedo demais.

– Entretanto não se preocupe com ele agora, porque, como eu disse antes, ele não será o único. Talvez seja o mais importante, mas não será o único.

Continuamos andando. A vegetação, antes um pouco desértica, mudou para pequenas árvores espalhadas aqui e ali. Talvez fosse melhor mesmo seguir o conselho de Petrus e deixar que as coisas acontecessem por si sós. De vez em quando, ele fazia algum comentário a respeito de um ou outro fato histórico ocorrido nos lugares por onde passávamos. Vi a casa onde uma rainha havia pernoitado na véspera de morrer e uma capelinha incrustada nas rochas, ermida de algum homem santo que os raros habitantes daquela área juravam ser capaz de fazer milagres.

– Os milagres são muito importantes, não acha? – disse ele.

Respondi que sim, mas que jamais tinha visto um grande milagre. Meu aprendizado na Tradição tinha sido muito mais no plano intelectual. Acreditava que, quando recuperasse a espada, aí, sim, eu seria capaz de fazer as grandes coisas que meu Mestre fazia.

– E que não são milagres, porque não mudam as leis da natureza. O que meu Mestre faz é utilizar essas forças para...

Não consegui completar a frase, porque não achava nenhuma razão para que o Mestre conseguisse materializar espíritos, mudar objetos de lugar sem tocá-los e, como já havia visto mais de uma vez, abrir buracos de céu azul em tardes cobertas de nuvens.

– Talvez ele faça isso para convencer você de que tem o Conhecimento e o Poder – afirmou Petrus.

– É, pode ser – respondi sem muita convicção.

Sentamos numa pedra, porque Petrus me disse que detestava fumar cigarros enquanto andava. Segundo ele, os pulmões absorviam muito mais nicotina, e o fumo lhe causava náuseas.

– Por isso seu Mestre lhe recusou a espada – disse Petrus. – Porque você não sabe a razão pela qual ele faz seus prodígios. Porque você esqueceu que o caminho do conhecimento é um caminho aberto a todos os homens, às pessoas comuns. Em nossa viagem, vou ensinar-lhe alguns exercícios e rituais conhecidos como As Práticas de RAM. Qualquer pessoa, em algum momento de sua existência, já teve acesso a pelo menos uma delas. Todas, sem exceção, podem ser encontradas por alguém que se disponha a procurá-las, com paciência e com perspicácia, nas próprias lições que a vida nos ensina.

“As Práticas de RAM são tão simples que as pessoas como você, acostumadas a sofisticar demais a vida, muitas vezes não lhes dão nenhum valor. Mas são elas, junto com mais três outros conjuntos de práticas, que fazem o homem ser capaz de conseguir tudo, mas absolutamente tudo o que deseja.

“Jesus louvou o Pai quando seus discípulos começaram a realizar milagres e curas, e agradeceu porque Ele havia escondido essas coisas dos sábios e revelado aos homens simples. Afinal de contas, se alguém acredita em Deus, tem que acreditar também que Deus é justo.”

Petrus tinha toda a razão. Seria uma injustiça divina permitir que só as pessoas instruídas, com tempo e dinheiro para comprar livros caros, pudessem ter acesso ao verdadeiro Conhecimento.

– O verdadeiro caminho da sabedoria pode ser identificado por apenas três coisas – disse Petrus. – Primeiro, ele tem que ter Ágape, e disso eu vou lhe falar mais tarde; segundo, tem que ter uma aplicação prática na sua vida, senão a sabedoria torna-se uma coisa inútil e apodrece como uma espada que nunca é utilizada. E, finalmente, tem que ser um caminho que possa ser trilhado por qualquer um. Como o que você está percorrendo agora, o Caminho de Santiago.

Andamos durante todo o resto da tarde e só quando o sol começou a sumir por detrás das montanhas é que Petrus resolveu

parar de novo. À nossa volta, os picos mais altos dos Pireneus ainda brilhavam com a luz dos últimos raios do dia.

Petrus pediu que eu limpasse uma pequena área no chão e me ajoelhasse ali.

– A primeira Prática de RAM é o ato de renascer. Você terá que executá-la durante sete dias seguidos, tentando experimentar de uma maneira diferente aquilo que foi o seu primeiro contato com o mundo. Você sabe quão difícil foi largar tudo e vir percorrer o Caminho de Santiago em busca de uma espada, mas essa dificuldade só existiu porque você estava preso ao passado. Já foi derrotado e tem medo de ser derrotado novamente; já conseguiu alguma coisa e tem medo de tornar a perdê-la. Entretanto, alguma coisa mais forte que tudo isso prevaleceu: o desejo de encontrar sua espada. E você resolveu correr o risco.

Respondi que sim, mas que ainda continuava com as mesmas preocupações a que ele havia se referido.

– Não tem importância. O exercício, aos poucos, irá libertá-lo das cargas que você mesmo criou na sua vida.

E Petrus me ensinou a primeira Prática de RAM: O EXERCÍCIO DA SEMENTE.

– Faça-o agora pela primeira vez – disse.

Encostei a cabeça entre os joelhos, respirei fundo e comecei a relaxar. Meu corpo obedeceu com docilidade – talvez porque tínhamos andado muito durante o dia e eu devia estar exausto. Comecei a escutar o barulho da terra, um barulho surdo, rouco, e aos poucos fui me transformando na semente. Não pensava. Tudo era escuro e eu estava adormecido no fundo da terra. De repente, alguma coisa se moveu. Era uma parte de mim, uma minúscula parte de mim que queria me despertar, que dizia que eu tinha que sair dali porque havia outra coisa “lá para cima”. Eu pensava em dormir e essa parte insistia. Começou por mover meus dedos, e meus dedos foram movendo meus braços – mas

## O EXERCÍCIO DA SEMENTE

Ajoelhe-se no chão. Depois sente-se nos calcanhares e curve o tronco, de modo que sua cabeça toque os joelhos. Estique os braços para trás. Você está em posição fetal. Agora relaxe e esqueça todas as tensões. Respire calma e profundamente. Aos poucos você vai percebendo que é uma minúscula semente, cercada pelo conforto da terra. Tudo está quente e agradável ao seu redor. Você dorme um sono tranquilo. De repente, um dedo se move. O broto não quer mais ser semente, ele quer nascer. Lentamente você começa a mover os braços, e depois seu corpo irá se erguendo, se erguendo, até que você estará de novo sentado nos calcanhares. Agora você começa a levantar-se e, bem lentamente, ficará ereto e de joelhos no chão. Durante todo esse tempo você imaginou que é uma semente se transformando em broto e rompendo pouco a pouco a terra.

Chegou o momento de romper a terra por completo. Você vai se levantando lentamente, colocando um pé no chão, depois o outro, lutando contra o desequilíbrio como um broto luta para encontrar seu espaço. Até que você fica em pé. Imagina o campo ao seu redor, o sol, a água, o vento e os pássaros. É um broto que começa a crescer. Levanta, devagar, os braços em direção ao céu. Depois vai se esticando cada vez mais, como se quisesse agarrar o sol imenso que brilha sobre você, lhe dá forças e o atrai. Seu corpo começa a ficar cada vez mais rígido, seus músculos retesam-se todos, enquanto você se sente crescer, crescer, crescer e se tornar imenso. A tensão vai aumentando cada vez mais, até tornar-se dolorosa, insuportável. Quando não aguentar mais, dê um grito e abra os olhos.

Repita este exercício sete dias seguidos, sempre à mesma hora.

não eram dedos nem braços, e sim um pequeno broto que lutava para vencer a resistência da terra e caminhar em direção à tal “coisa lá em cima”. Senti que o corpo começou a seguir o movimento dos braços. Cada segundo parecia uma eternidade, mas a semente tinha uma coisa “lá em cima” e precisava nascer, precisava saber o que era. Com uma imensa dificuldade, a cabeça, depois o corpo começaram a levantar. Tudo era lento demais e eu precisava lutar contra a força que me empurrava para baixo, em direção ao fundo da terra, onde antes eu estava tranquilo e dormindo meu sono eterno. Mas fui vencendo, fui vencendo e, finalmente, rompi alguma coisa e já estava ereto. A força que me empurrava para baixo de repente cessou. Eu havia rompido a terra e estava cercado da tal “coisa lá em cima”.

A “coisa lá em cima” era o campo. Senti o calor do sol, o zumbir dos mosquitos, o barulho de um rio que corria ao longe. Levantei-me devagar, de olhos fechados e, a todo momento, pensava que iria me desequilibrar e voltar para a terra, mas no entanto continuava a crescer. Meus braços foram se abrindo e meu corpo esticando. Ali estava eu, renascendo, querendo ser banhado por dentro e por fora por aquele sol imenso que brilhava e que me pedia para crescer mais, esticar mais, para abraçá-lo com todos os meus ramos. Fui retesando cada vez mais os braços, os músculos de todo o corpo começaram a doer, e senti que tinha mil metros de altura e que podia abraçar muitas montanhas. E o corpo foi se expandindo, se expandindo, até que a dor muscular se tornou tão intensa que eu não aguentei mais e dei um grito.

Abri os olhos e Petrus estava diante de mim, sorrindo e fumando um cigarro. A luz do dia ainda não havia desaparecido, mas fiquei surpreso em perceber que não fazia o sol que eu havia imaginado. Perguntei se ele queria que lhe descrevesse as sensações e ele disse que não.

– Isto é uma coisa muito pessoal e você deve guardá-la para si mesmo. Como eu poderia julgá-la? Essas vivências são suas, não minhas.

Petrus disse que íamos dormir ali mesmo. Fizemos uma pequena fogueira, tomamos o que restava da garrafa de vinho dele e eu preparei alguns sanduíches com um patê de foie gras que havia comprado antes de chegar a Saint-Jean. Petrus foi até o riacho que corria por perto e trouxe alguns peixes, que assou na fogueira. Depois, cada qual deitou no seu saco de dormir.

Dentre as grandes sensações que experimentei na vida, não posso me esquecer daquela primeira noite no Caminho de Santiago. Fazia frio, apesar do verão, mas eu tinha ainda na boca o gosto do vinho que Petrus havia trazido. Olhei para o céu e a Via Láctea se estendia sobre mim, mostrando o imenso caminho que devíamos cruzar. Outrora, essa imensidão me daria uma grande angústia, um medo terrível de que não seria capaz de conseguir, de que era pequeno demais para isso. Mas hoje eu era uma semente e tinha nascido de novo. Havia descoberto que, apesar do conforto da terra e do sono que eu dormia, era muito mais bela a vida “lá em cima”. E que eu podia nascer sempre, quantas vezes quisesse, até que meus braços fossem suficientemente grandes para abraçar a terra de onde eu tinha vindo.

## INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA SEXTANTE,  
visite o site [www.sextante.com.br](http://www.sextante.com.br)  
ou siga @sextante no Twitter.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá  
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,  
escreva para [atendimento@esextante.com.br](mailto:atendimento@esextante.com.br)  
ou mande uma mensagem para @sextante no Twitter.

EDITORA SEXTANTE  
Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo  
Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil  
Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244  
E-mail: [atendimento@esextante.com.br](mailto:atendimento@esextante.com.br)